

# SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA SURDA<sup>1</sup>

*Mariana Moura Magalhães<sup>2</sup>*

**H**á cerca de três anos, comecei um curso de língua de sinais no Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES -, localizado na Cidade do Rio de Janeiro. Na mesma ocasião, ainda estagiava em uma creche, onde conheci uma pedagoga que se interessou pelo tal curso que eu estava fazendo. Ela me disse que tinha uma sobrinha surda e “muda”, que não sabia a língua de sinais. Seus pais tinham sido orientados por uma fonoaudióloga a não permitirem que a menina aprendesse sinais, caso contrário não chegaria a falar.

Pouco mais de um ano depois, resolvi dar início à produção da monografia de término do meu curso de Psicologia, haja vista já estar certa sobre o campo a que pertence o tema que desenvolveria: surdez. Ainda não tinha idéia de onde partir, quando lembrei da história que tinha ouvido na creche e voltei a procurar a tal pedagoga em busca de novas informações.

De posse dessas novas informações, em 2002 dei então início à minha pesquisa monográfica, cujo objetivo foi fazer um estudo comparativo entre duas crianças surdas: uma com acesso à língua de sinais e outra sem acesso, observando como se daria o desenvolvimento cognitivo de cada uma.

Comecei com a criança surda mencionada pela referida pedagoga, a qual não teve acesso à língua de sinais. Nascida em maio de 1995, seu nome é **Anne** e tem uma irmã que é ouvinte e um ano mais velha. A mãe, Karla, é professora, o pai, Valdecyr, é caminhoneiro, os quatro moram em uma casa humilde na cidade de Petrópolis-RJ e meus primeiros contatos com a garota ocorreram em sua residência.

**Anne** se mostrou agitada, chorona e gritava o tempo todo. Sempre que algo lhe era perguntado, sua reação era de muito choro e muito grito. “Falava” como se as pessoas a pudessem entender. Poucas vezes gesticulava e, quando o fazia, a mãe a ignorava, ou a forçava a “dizer” alguma coisa.

Por sua vez, a mãe da menina se comportava como se fosse capaz de entender tudo o que a filha “falava”. Com o tempo, pude perceber que isso

---

<sup>1</sup>Esse texto constitui parte de uma Pesquisa Monográfica cadastrada na DIESP- INES.

<sup>2</sup>Graduanda do curso de Psicologia da UERJ

não condizia com a verdade e que ela apenas agia por suposições, traduzindo o que acreditava que a filha teria “dito”.

Karla defendia a idéia de que, se sua garota podia aprender a falar, não havia motivo para usar a língua de sinais. Tanto quanto a avó de **Anne**, Karla ainda defendeu que se, até então, a menina não falava direito era porque sua fonoaudióloga devia ser ruim.

Depois de quatro encontros, dei início às minhas visitas à escola de **Anne**. A garota, que já me conhecia, me recebeu com muito carinho e desde o primeiro dia fez tudo para chamar minha atenção. A escola é particular e convencional, de forma que encontrei **Anne** freqüentando uma sala junto com crianças ouvintes. A diretora é fonoaudióloga e também acredita que a garota não precisaria aprender sinais, pois isto só iria atrapalhar sua fala.

A professora de sala de aula, no entanto, demonstrou não pensar o mesmo. Após um bom tempo seguindo ordens da diretora para estimular a fala da garota e não permitir que usasse gestos, pôde perceber que era através destes que **Anne** poderia entender e se fazer entendida.

Ao que eu lhe perguntava oralmente, **Anne** sempre respondia “SIM”, ou “NÃO”, o que inicialmente me provocou muitas dúvidas sobre o quanto teria entendido. Entretanto, durante a aplicação de um teste projetivo - HTTP (*house, tree, person*) — em que devia fazer alguns desenhos, pude atestar que ela nada entendia do que lhe falava. Tentei então mexer com a boca sem emitir som e sem que houvesse coerência em minhas falas e, ainda assim, suas respostas continuaram sendo negativas, ou positivas. Insistindo, passei a repetir uma mesma pergunta, mudando minha expressão. Quando eu ficava séria, ela automaticamente meneava a cabeça me respondendo que não. Frente à mesma frase acompanhada de um sorriso, balançava a cabeça aprovando. Ou seja, do mesmo modo voltava a ficar claro que nada podia entender do que lhe dizia.

Quando começou na escola aos cinco anos de idade, **Anne** entrara para uma turma de ouvintes com sua mesma faixa etária. Seis meses depois, contudo, foi transferida para a turma atual, com faixa etária dois anos abaixo da sua, porque apresentou graves dificuldades diante do trabalho que se realizava na primeira turma.

Depois de transferida, a princípio **Anne** pareceu acompanhar o trabalho desenvolvido: dançava com os coleguinhas, “cantava” músicas junto e entendia tarefas a serem realizadas, se baseando em fotos, desenhos, gestos. Porém, quando as demais crianças começaram a trabalhar com a escrita, a menina não as conseguiu acompanhar. Para o próximo ano letivo, a professora alega que **Anne** não será capaz de continuar na mesma turma.

Já em meu estudo iniciado no INES, em janeiro de 2003, me defrontaria com algo bastante diverso. Nessa outra instituição, minha exigência era a de que a criança surda a ser investigada fosse filha de pais ouvintes e soubesse a língua de sinais. Recebi alguns nomes e, aleatoriamente, fiz a escolha do garoto **Valdir**.

Esse garoto nasceu em novembro de 1993, tem duas irmãs ouvintes, filhas da mesma mãe, e um irmão mais novo, também surdo, e filho do mesmo pai. O fato de **Valdir** ter um irmão igualmente surdo seria um dado muito interessante: podia esperar que, de algum modo, a língua de sinais não se faria presente apenas em sua escola.

A surdez de **Valdir** foi descoberta quando ele tinha seis meses de idade. Sua mãe me reportou que teve muitas dificuldades em admitir a surdez do filho e que, quando ele já estava com dois anos de idade, ela o levou até o INES por indicação de um amigo da família. Contou também que quando lá chegou pela primeira vez não conseguia aceitar que **Valdir** freqüentasse o Instituto. Disse ter ficado assustada ao ver crianças “falando” com as mãos e emitindo sons que não podia entender, mas que, desde essa época, o garoto passou a estudar no INES. Rose, a mãe, também me disse que ainda não consegue aceitar a surdez dos dois filhos, mas que faz tudo para lhes garantir a felicidade e tem se esforçado para aprender a língua de sinais. Mencionou que uma ocasião quis retirar os dois do Instituto e voltou atrás porque não teve escolha: usando sinais, as duas crianças insistiram em perguntar se ela gostaria de ter filhos burros.

**Valdir** se mostrou calmo, educado, esperto, dinâmico. Depois de seis meses trabalhando com ele, não me espantou o fato de ser tão elogiado por seus professores e por sua fonoaudióloga. O menino conversava e me explicava o que eu não conseguia entender em sinais e ainda pedia aos colegas, que também conversavam comigo em sinais, para falarem devagar, pois, como dizia, eu sei pouco LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).

Ele está na primeira série e já começa a escrever em português, embora ainda lhe seja bem difícil a elaboração e construção de frases. É bom em Matemática, é atento às aulas e a todas as explicações que lhe são dadas.

Certa feita, **Valdir** estava na aula de Matemática fazendo um exercício de escala. Enquanto fazia o exercício, eu lhe indiquei uma maneira de organizar os números para que coubessem na folha, mas então chegou a hora dele ir para o recreio e o exercício foi interrompido. Ao voltar no dia seguinte, porém, percebi que ele tinha finalizado a tarefa usando a maneira que lhe havia indicado. Nas aulas de História, ele demonstra grande interesse e é comum que faça muitas perguntas.

Na turma de **Valdir**, também assisti a algumas aulas dadas em conjunto com um monitor surdo e dois fatos chamaram minha atenção: a) quando a criança surda teve com quem conversar na língua de sinais, lhe ficou

bastante fácil entender e ser entendida, ou seja, pôde adquirir conhecimentos de forma mais confortável e adequada; b) esses conhecimentos puderam ser adquiridos por crianças surdas independente da fala e/ou aprendizado da língua portuguesa.

**Valdir** me falou também sobre sua própria vida. Contou que se relaciona com crianças de todas as idades, me ensinou a jogar capoeira, imitou personagens da televisão, disse já saber trabalhar com números e dinheiro e que, no momento, estava “namorando”. Em nossos variados contatos, demonstrou possuir um pensamento lingüístico bem formulado e evidenciou um desenvolvimento cognitivo muito maior que o de **Anne**.

No futuro, tenho a intenção de partir para uma nova análise baseada em um estudo das etapas de desenvolvimento infantil das crianças em geral, para então poder verificar o quanto o da criança surda se assemelha, ou não, ao desenvolvimento de menores ouvintes.